

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis Portuguezes

Publicações

Anuncios, cada linha, tipo commun	20 réis
Comunicados	60 »
Relatorios	100 »
Artigos	200 »

LISBOA

Quinta feira 22 de agosto de 1895

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, série de 24 numeros....	600 »
Numero avulso	50 »
Paizes da união postal, 24 numeros..	1500 »

RESUMO

Cartas acerca das espingardas de caça, por N. Gonçalves. — Club Instructivo dos Caçadores de Vianna do Castelo: torneio de tiro, por Baptista de Sá. — Concurso federal de tiro em Winterthur (Suissa), de 28 de julho a 7 de agosto de 1895, por Alexandre Leuzinger. — O defeso, por M. F. — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes. — Carreira de tiro. — A caça. — Legislação sobre pesca: regulamento geral dos serviços aquícolas. — Um «tivolazzo» no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto. — Anuncios.

CARTAS

Á CERCA DAS

ESPINGARDAS DE CAÇA

I

MEU CARO AMIGO:

PEDES-ME para te dizer, por intermedio do *Tiro Civil*, alguma coisa de curioso, e até certo ponto inedito, acerca das armas de caça, esquecendo completamente a minha tantas vezes demonstrada incapacidade para façanhas cinegeticas e a falta de cultura d'este brilhante ramo de *sport*, além da carencia absoluta de uma collecção de anedotas picantes de caça—predicado indispensavel para não fazer má figura perante os leitores do jornal em que me apresentas.

N'estas condições, e apesar da tua indicação, falta-me o assumpto quasi por completo e, como sabes, é tão impossivel fazer um artigo sem assumpto como fazer um *civet de lièvre* sem possuir pelo menos a lebre. Bem sei que augmentarás com a minha profissão de artilheiro e professor de balística, isto é, da arte de convencer por argumentos de *grosso calibre* aquellos que não professam precisamente as nossas opiniões acerca das variadissimas questões que actualmente definem ainda as fronteiras dos povos civilizados e em via de civilização.

Pois meu amigo: é infinitamente mais facil metter a pique—no papel—o maior couraçado do mundo com um projectil de 1.000^k. (66 arrobas, despresando fracções!) atirado por um canhão de 100 toneladas, ou sejam 100.000^k, do que metter na bolsa de caça, em consequencia de um tiro certo, a mais innocente codorniz que tenha saltado a 10 passos de distancia, rufando as azas como um signal de troca pela minha rematada impericia.

Nem tu imaginas o numero de batalhões que tenho aniquilado e o numero de praças que tenho arrasado com a mesma serenidade com que arrasaria a paciencia dos leitores do *Tiro Civil*, se estivessem pela minha epistolographia!

Apesar de tudo, não quero dar-te motivo á suspeita de que eu, avançando impavidamente contra uma peça de 40 centimetros de calibre, possa recuar menos dignamente deante de uma caçadeira de 12 ou 16, isto é, em linguagem metrica, de 10 ou de 17 millimetros de diametro interior do cano.

Falar-te-hei, portanto, das espingardas de caça, como desejas; das provas da resistencia a que durante o fabrico são actualmente submettidas, e portanto da confiança que devem merecer por parte do atirador; indicar-te-hei de que modo se vae desenvolvendo a pressão dos gazes da polvora, com que carregas o cartucho, ao passo que o chumbo percorre o comprimento do cano; falar-te-hei das causas do recuo, ordinariamente desconhecidas por muitos caçadores; tratarei da força mortifera do chumbo ás diversas distancias e das leis da dispersão,—factores importantissimos, que se torna indispensavel conhecer, para se empregar uma espingarda por modo verdadeiramente racional; fornecerei alguns dados acerca da polvora sem fumo e tratarei variadas questões mais ou menos ligadas com a precisão do tiro.

Se, com esta sciencia toda—que não é muita,—não passares de um caçador abaixo de mediocre, nem te admires nem te deixes atacar pelo demonio da impaciencia; conheço theoricos varios que errariam um coelho a dormir a dois passos do ponto de mira, e atiradores excellentes que por completo desconhecem as theorias balísticas, ainda as mais vulgares.

Postas estas linhas geraes, entremos no assumpto.

Quando, para comprar uma espingarda, percorres as pouco numerosas casas que em Lisboa se entregam a este commercio, encontras apenas productos inglezes, americanos e francezes, e em vão procurarás uma espingarda feita em Portugal; passando em revista os artigos dos jornaes politicos, em que, dentro de um periodo tão facil de determinar como por exemplo, o dos eclipses da lua,—se apregoam os progressos das industrias no paiz—sempre nos ultimos annos e em consequencia de tal ou tal providencia genial do governo,—conclues naturalmente que, não sendo possivel fabricar espingardas actualmente n'estes reinos, assim deve ter sido sempre, desde a batalha d'Aljubarrota, pelo menos.

Pois enganar-te-hias racionando por esta fórmula; Portugal possuiu já espingardeiros que se illustraram, não só fabricando optimas espingardas, mas até escrevendo obras notaveis a este respeito.

Tenho deante dos olhos um tratado publicado em Lisboa, no anno de 1718, pelos dois irmãos, Cesar Fiasconio e Jordam Guserio, com todas as licenças do estylo, em uma edição extremamente luxuosa. Tem por titulo principal «*Espingarda Perfeyta*» por sub-titulo «*e regras para a sua operacão*», e é offerecido, em estylo alti-sonante, a El-Rei D. João V.

Se te deres ao trabalho de lêr a dedicatória, na qual os auctores se orgulham de terem nascido portuguezes, ficarás sabendo que alguém por esse tempo chamára *raios* ás espingardas, e que n'essa comparação acharam os espingardeiros litteratos motivo sufficiente para que a offerta de um tão breve tratado fosse pela essencia, desproporcionada para um tão grande rei.

«É assim (dizem os auctores), qual pôde ser a materia mais propria do grado de um Monarcha, em quem se venera verdadeira aquella prerogativa soberanamente fulminante, que a antiguidade fingio do seu Jupiter, a quem adorava monarcha dos deuses? pois nas Reaes mãos de Vossa Magestade tem a espingarda os effeitos do Rayo; porque quando sahe a campo, e começa o exercicio da caça, não ha animal, que por ligeiro escape aos seus tiros, porque assombrados, ou feridos são despojos do seu braço».

O hyperbolico estylo dos auctores, que em outro ponto de dedicatória affirmam a el-rei «que no seu reino tem Brontes e Esteropes (vê que barbaridade de nomes!) que tão bem sabiam fabricar raios segundo os preceitos da arte» não desmerece no dos elegios, em prosa e verso, com que frades e leigos, em latim e em portuguez, prefaciám, n'um alegre clangor de festivos arautos, o tratado da «*Espingarda Perfeyta*».

Não pretendo abusar da tua grande paciencia de amator do genero, mas não posso furtar-me ao prazer de te apresentar, a titulo de amostra, o menos errado, talvez, dos muitos sonetos que preludiam a obra, assignado pelo dr. João Goes Corrêa Nabo, que apesar do prosaismo do ultimo appellido parece ter mantido com as musas uma intimidade soffrivelmente merecida e mesmo nada contrafeita:

SONETO

Quando os gigantes contra o céu ousados
Soberbos se oppozeram atrevidos,
Montes sobre montes erigidos
Foram por sua força amontoados;
Em tal aperto os deuses assustados
De tal sorte se viram opprimidos,
Que sendo em varias formas convertidos,
Não deixavam de estar sobresaltados;
Se tiveram então por vós forjada
Do raio de Vulcano a rara injuria
Que hoje n'essa arma dais tão extremada:
Dos deoses sem temor ficára a curia,
Pois mais que um raio essa arma disparada
Prostrára dos gigantes toda a furia.

Presente digno do monarcha dos deuses! eterna vergonha do côxo Vulcano, qualquer espingarda dos dois irmãos permittiria ao menos valente dos supremos do Olympo empregar na lombardia dos gigantes que pozeram o Pellion sobre o Orsa, para escalar o céu, com a mesma facilidade com que eu ponho uma plica sobre um *i*, uma chumbada

mais effizaz de que todos os raios das forjas celestiaes!

Não foi, porém, o soneto, a unica forma laudatoria empregada no caso de que vimos tratando; a decima representou o seu papel, e a *silva* fechou brillantemente esta pyrotechnia polychroma de rasgadissimos louvores. Avalia por estes fragmentos:

Cesse a fama que tanta gloria canta,
Pois temos em Lisboa
Dous irmãos, que qualquer em toda a parte,
Perceptor pôde ser d'aquella arte
Que em uma e outra esphera,
Trovão e rayo é á ave ou fêra;
Pois á ave ligeira ou fêra tarda
Rayo e trovão se inculca a espingarda.

Fôra acerto dizer que nesta côrte,
Com duplicada sorte,
Temos, se não me engano,
Nos dois irmãos, a Jove e a Vulcano.

Pelo que acaba de vêr, avaliando por este còro de applausos ao tratado, as espingardas dos dois irmãos deviam ser de uma rara perfeição — e eram-no, com effeito, quanto ao luxo das minudencias e quanto ás qualidades balísticas. Não foram ellas, porém, as primeiras fabricadas com superior pericia n'este reino: houvera praticos notaveis em Evora, em Santarem e em outras terras, e das marcas respectivas faz detalhada menção a *Espingarda Perfeyta*. Antes de 1718 houve em Lisboa a firma dos tres irmãos — os auctores do livro e um terceiro irmão, que acabou por se separar dos primeiros, fabricando por sua conta, — e talvez te lembres ainda de ouvir aos bons velhotes da tua terra, ao apresentar uma velha espingarda exteriormente envernizada por uma exposição de largos annos ao fumo preservador da fogueira, dizerem orgulhosamente, fazendo jogar a pederneira escura sobre a enferrujada cassoleta: são fechos dos tres irmãos!

E' natural que posteriormente a 1718 tenham apparecido tratados mais ou menos originaes sobre o mesmo assumpto, pelos quaes seja possível, sem grandes esforços, acompanhar a historia do fabrico das espingardas de caça em Portugal. Se assim foi, esses tratados escapam á minha fraca erudição bibliographica, e nem mesmo será indispensavel conhecê-los para estas cartas, sob o ponto de vista mais moderno e mais pratico que eu desejo principalmente desenvolver.

Como esta já vae longa, reservarei para outra occasião a entrada na materia, que tanto pareceu despertar a tua curiosidade.

Agosto, 1895.

N. Gonçalves.

CLUB INSTRUCTIVO DOS CAÇADORES DE VIANNA DO CASTELLO TORNEIO DE TIRO

O Club Instructivo dos Caçadores de Vianna do Castello acaba de inaugurar solememente a sua *Escola de tiro*, com um animadissimo torneio.

Foi no domingo, 18 do corrente, que este se realisou, sob a direcção esclarecida de Simeão Pinto de Mesquita Cardoso e José Teixeira Pinto de Figueiredo, ambos directores infatigaveis do *Club dos Caçadores do Porto*.

O jury classificador constituiram-n'o os srs. José Pinto Corrêa, digno presidente do Club de Vianna, cavalheiro distinctissimo e altamente sympathico; Edmundo Maia, que cita em cinco minutos todas as disposições contidas no regulamento da escola do Club do Porto, presidindo Egydio Teixeira Duarte, presidente querido d'este club, que não desculpa nada ao atirador, seja quem fôr, que não cumpira á risca as disposições do regulamento.

O dia do torneio apresentou-se immensamente seringado: deu-nos logo de manhã um nevoeiro intensissimo, cerrado de todo, e depois, um pouco antes de começar a pugna, um vento furioso, que não respeitava os chapêus de ninguém, nem mesmo os dos proprios caçadores.

De quando em quando, lá se via um no ar, assim como que desafiando uma chumbada, e a querer confundir-se com uns certos pombos...

Dia mais poento nunca se nos deparou tambem; parecia que trinta mil enxofradores nos empoavam os olhos, para mais agravamento do seu mau estar, pelo facto de terem passado a noite á véla, sem dormirem sequer meio minuto. Perfeitamente um horror.

No entretanto o certamen não decorreu ainda mal de todo.

Abrilhou-o a banda de infantaria 6, tocando tão harmoniosas peças que até fez adormecer as rolas.

Foi copiosissima a assistencia de espectadores da mais fina sociedade de Vianna, sobresahindo n'uma tribuna reservada bandos de senhoras distinctissimas, extremamente galantes, com olhares ternos de rola e *toilettes* de pomba.

Os pardaes foram substituidos pelas rolas, para as quaes alguns caçadores não iam muito prevenidos.

Os premios, que eram tres, um estojo de *toilette*, uma faca de matto e uma sacca para cartuchos, magnificos todos, foram conferidos: o primeiro, ao rev. João Antonio de Mattos; o segundo, a Luiz Pinto; o terceiro a Oliveira Basto.

O ultimo teve de ser desempatado por Antonio F. da Rocha, Manuel A. Vieira, Oliveira Basto, Manuel J. G. da Cruz, Furtado d'Antas e Baptista de Sá, que atiraram a séries de tres, dois e um balões.

Batendo-se denodadamente, foram cahindo um a um, ficando sómente em campo Oliveira Basto e Baptista de Sá, a quem chegou tambem a sua vez.

Eis a classificação:

Adriano Villas-Boas	7 tiros bons
Adriano Filgueiras	9 " "
Antonio F. da Rocha	9 " "
Augusto Gramacho	4 " "
A. Peixoto	3 " "
Baptista de Sá	9 " "
Domingos Bonifácio	8 " "
Emilio Rosa	8 " "
Fernando Villas-Boas	7 " "
Francisco Carvalhinhos	5 " "
Furtado d'Antas	4 " "
Jacinto de Mattos	8 " "
João Pimenta	7 " "
José Cruz	7 " "
Luiz Pinto	10 " "
Manoel A. Vieira	9 " "
Manoel Cruz	9 " "
Manoel Arantes	8 " "
Martins Palma	7 " "
Oliveira Basto	9 " "
Padre João Antonio de Mattos ..	11 " "
Santos Pinto	6 " "
Silva Moreira	6 " "
Silva Lima	8 " "

O estreito limite do tiro fez com que se não contassem tiros certos, perfeitamente bons, que prejudicaram a classificação a alguns atiradores.

Da instalação da escola fallaremos.

Porto — 20 de agosto.

Baptista de Sá.

CONCURSO FEDERAL DE TIRO

Em WINTERTHUR (SUISSA)

De 28 de julho a 7 de agosto de 1895

II

O dia de maior importancia debaixo do ponto de vista politico e internacional, foi o 1.º de agosto, dia official, no qual se realisou a recepção dos membros do conselho federal e do corpo diplomatico, conforme o costume estabelecido nos concursos federaes.

A primeira parte do programma d'esse dia, era a inauguração do monumento a Ionas Furrer, primeiro presidente da Confederação Helvetica depois do movimento politico de 1848.

Nas ruas do magnifico parque que cerca o monumento, formou o cortejo e depois das sociedades de canto terem entoado o psalmo helvético, subiu á tribuna o architecto sr. Iung que pronunciou o discurso inaugural. Seguiu-se-lhe no uso da palavra o orador official sr. conselheiro federal Lachenal. Depois fallou o sr. coronel Geilinger que em nome da cidade de Winterthur tomou conta do monumento, prometendo guardal-o fielmente em honra do grande patriota a quem é dedicado.

Terminou esta grandiosa cerimonia, imponente sobretudo pela sua simplicidade, com o hymno nacional cantado pelas sociedades da cidade, e logo debaixo do repicar dos sinos e do troar dos canhões, o cortejo poz-se em movimento, seguindo no meio das grossas muralhas vivas formadas pelo povo, até á carreira do tiro, onde depois começou o banquete festivo.

Entre os convidados honorarios, notavam-se quatro conselheiros federaes; os embaixadores da Allemanha, França, Austria, Inglaterra, Russia, etc.; os embaixadores suíços em Roma, Vienna, Paris e Berlim, alguns juizes do Tribunal Supremo, representantes do conselho escolar federal, uns cincoenta membros da assembléa nacional, consules estrangeiros e suíços, o governo completo do cantão de Zürich, quinze membros do conselho cantonal, representantes dos tribunaes do mesmo cantão, delegações de todos os governos cantonaes, das camaras municipais, das companhias de caminhos de ferro, etc., etc. Milhares de pessoas, não poderam obter lugar dentro do grande barracão e ficaram aglomeradas em roda do mesmo.

Subiu primeiro á tribuna o sr. Bleuler membro do governo cantonal, seguindo-se-lhe o presidente actual da confederação helvetica sr. dr. Zemp, cujo notavel discurso foi ouvido até além do recinto, tal foi o respeitoso silencio com que a enorme multidão o escutou. O embaixador da França, sr. Barrère, agradeceu em nome do corpo diplomatico, a boa recepção, descrevendo a magnifica impressão que a festa lhe deixou. Fallaram ainda outros oradores, entre elles o sr. Merillon, presidente da *União dos Atiradores Francezes*.

A noite representou-se o *Festspiel*, produção theatral historica, feita expressamente para esta festa, sendo o poeta e as duas figuras principaes obsequiados com corôas de louro.

Nos dias 2 e 3 d'agosto, o movimento nas ruas era menor, embora se notasse na carreira do tiro tão grande concorrência como nos dias anteriores. O dia de maior animação foi, porém, o domingo 4 d'agosto, em que na *gare* de Winterthur circularam, conforme a estatística official, nada menos de oitenta mil pessoas.

Um dos atractivos maiores, tanto para os atiradores, como para o grande publico, foi, durante toda a festa, o magnifico tempo dos premios. Havia alli de tudo quanto o coração d'um atirador podesse desejar. Além de magnificas taças, relógios e medalhas, premios estes destinados para os resultados diarios nos alvos nos quaes o numero de tiros permittido era illimitado, havia uma enorme collecção de premios para os alvos chamados bons, nos quaes só era permittido dar um certo numero de tiros. Notavam-se alli jarras, estatuetas, esculpturas em madeira, tapeçarias, candelabros, relógios grandes, sedas, bordados, mobiliarias, objectos d'arte, etc., mas sobretudo numerosos estojos guarnecidos com moedas de ouro e grande quantidade de espingardas, revolvers e outras armas.

No dia 7, uma hora antes de terminar o concurso, o fogo na carreira foi ainda tão vivo como no primeiro dia, mas a luz, por causa do céu estar coberto, começou a diminuir antes da hora regular, mas ainda assim continuou o tiroteio até que os vinte e cinco tiros de canhão annunciaram o fim do concurso.

Na manhã do dia 8, começou a distribuição dos dez primeiros premios de cada categoria ás secções, grupos que mais se tinham distinguido, seguindo-se os dez primeiros premios de cada um dos alvos.

A honra de atiradores-mestres — 75 *mouches*, ou para melhor dizer cartões, em 100 tiros — alcançaram-na 8 atiradores, fazendo dois 80, dois 78, um 77, dois 76 e um 75 cartões n'uma série de 100 tiros.

A tarde deu-se o ultimo banquete, que em nada desmereceu dos anteriores, havendo a notar o brinde do sr. Magagnini de Roma, o orador dos atiradores italianos, que convidou os atiradores suíços a assistirem ao concurso internacional de tiro que se deve realizar em Roma no proximo mez de setembro.

O tiro federal de Winterthur, deixará em todos que a elle assistiram, as mais gratas recordações. Provou-se mais uma vez, que o exercicio de tiro é a diversão predilecta do povo suíço que assim se habilita a defender a sua patria. Mas, embora este povo seja um povo em armas, nunca deixará de cultivar também as obras da paz e do progresso.

Alexandre Leuzinger.

O DEFESO

O *defeso*, que já ia excedendo o limite da paciência de muitos caçadores, acabou enfim! A abertura da caça no concelho de Oeiras realizou-se no dia 15. A prohibição devia ainda durar por todo este mez, e não seria demasiada, porquanto foram encontrados pelo campo muitos perdigotos ainda a piar.

Na manhã de 15, pelas 4 horas, os srs: Joaquim Nepomuceno Jorge, Antonio Severino Jorge, exímios caçadores, acompanhados por alguns amigos, realizaram a sua primeira excursão venatoria. Nada haveria digno de menção a registrar, porque n'estes sitios a caça é pouco abundante, senão fosse o terem dividido tres sisões, dois dos quaes foram mortos. Esta ave, que pouco apparece n'outras épocas do anno por aqui, é rarissima n'este tempo. Como se vê não perderam o seu tempo, porque o sisão merece um justo apreço aos que se interessam pela caça e sobretudo pela arte de Vatel.

M. F.

ASSOCIAÇÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

Sessão da direcção de 14 do corrente

Foi lido um officio do sr. thezoureiro da associação José Coelho d'Oliveira Figueiredo, dando a sua demissão, e outro igual que o mesmo sr. tinha dirigido ao sr. presidente da assembleia geral.

A direcção resolveu por unanimidade pedir ao sr. João Fernandes Torres, suplente á direcção, para que accitasse o lugar de thezoureiro ao que aquelle cavalheiro promptamente accedeu.

Em seguida foram apresentadas e approvadas por unanimidade, entre outras a seguinte proposta, todas ellas do maior alcance para a implantação do tiro nacional:

Proposta

Tendo em vista a urgente necessidade de que por todos os meios se busque implantar de vez no paiz a instrucção de tiro nacional, por isso que d'ella só podem advir grandes vantagens, tanto para o nosso honrado exercito como para a defeza da nossa querida Patria, e

considerando que o actual sr. ministro da guerra tem o maior interesse em que, entre nós, o tiro nacional seja um facto consumado, e

considerando que ao mesmo illustre ministro da guerra se deve já o que em Portugal existe sobre tão util quanto patriótica instituição, cabendo a esta associação a honra de o ter por presidente honorario, proponho:

1.º — Que se faça uma representação ao mesmo illustre ministro e secretario de estado dos negocios da guerra para que em a nova lei de recrutamento, a cuja elaboração s. ex.ª está procedendo, se consignem as vantagens que da instrucção do tiro nacional seja possivel tirar para o exercito, e que possam servir de incitamento á propaganda e desenvolvimento de tão patriótica instituição.

2.º — Que se convidem todas as associações de tiro que existem no paiz e as de caçadores, suas congeneres, para que n'uma acção commum envidem todos os seus esforços n'este sentido.

Lisboa e sala da associação em 14 de agosto de 1895.

(a) Anselmo de Souza.

Esta proposta foi enviada pela associação, acompanhada de um officio ás associações:

Atiradores Civis Estrella, Atiradores Civis Portuenses, Club dos Caçadores do Porto, Gremio de Santarem, Club Instrutivo de Caçadores de Vianna do Castelo.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 11 do corrente, dispararam-se 620 tiros da arma de guerra; na quinta-feira, 15, 650; e no domingo, 18, 470 tiros.

A CAÇA

Ao terminar o *defeso*, abrimos esta secção onde, em ligeiras notas, informaremos os nossos leitores de todas as pequenas novidades sobre este assumpto.

Na quinta-feira e domingo ultimo sahiram muitos caçadores de Lisboa, mas se alguns deram o tempo por bem empregado, outros perderam no por completo, por isso que, em muitos sitios estava tudo caçado.

Dizem nos que nos pontos menos caçados, e em geral por outras localidades, este anno ha mais abundancia de perdizes que no anno passado. No Ribatejo é onde se encontra mais abundancia de caça.

N'esta semana pouca caça tem apparecendo na praça da Figueira e lojas do costume.

Em breve começaremos a dar os preços correntes da caça durante a semana.

LEGISLAÇÃO SOBRE PESCA

REGULAMENTO GERAL

DOS

SERVIÇOS AQUICOLAS

NAS AGUAS INTERIORES DO PAIZ

Approvado por decreto de 20 de abril de 1893

(Continuado do n.º 24)

ART. 5.º — A commissão central permanente de piscicultura, nos seus estudos e investigações, e na elaboração das propostas que dirigir ao governo sobre providencias a adoptar ou regulamentos a promulgar, procurará:

a) Adquirir o conhecimento, em cada curso de agua, lagoa ou zona aquatica interior, das especies uteis para a alimentação publica, ou para o alimento dos peixes, e das que são prejudiciaes ou nocivas;

b) Recolher os dados relativos ás epochas da desova de cada especie; aos seus habitos; ás substancias de que se alimenta, tanto animaes como vegetaes, e á defeza dos individuos novos das especies que se pretendem cultivar e á conservação e desenvolvimento dos individuos adultos das especies comestiveis.

c) Tem em vista a extincção das especies nocivas, em cada região aquatica, a sua limitação ou a sua destruição;

d) — Averiguar as causas das epidemias que importem a destruição não só dos embriões, como dos individuos adultos, e ao mesmo tempo, nas diversas regiões, os logares onde cada especie desova, a fim de evitar ahí todas as causas accidenaes ou permanentes, que impeçam ou contrariem aquella funcção;

e) Determinar as zonas aquaticas que se devem povoar, e quaes as principaes especies a introduzir ou a desenvolver, quer sejam nativas das aguas do paiz ou proprias para n'ellas aclimar; investigando as circumstancias hydrographicas e climatologicas de cada zona em que as especies estrangeiras se não dêem, e remover as causas contrarias á sua propagação e desenvolvimento;

f) Quando a fauna de uma determinada região aquatica fór muito rica de especies, indicar quaes as que devem ser protegidas ou extintas, e aquellas cujo desenvolvimento se deverá limitar;

g) Determinar as causas do empobrecimento das aguas, investigando se é devido ás substancias nocivas acarretadas pelos affluentes ou des-

pejos marginaes, ou á velocidade da corrente, natureza do fundo ou vegetação local, processos de exploração e habitos das especies mais abundantes;

h) Determinar a influencia que as especies estranhas á fauna do paiz podem ter sobre o desaparecimento das especies que possuímos e quaes as condições de lucta em que se vão encontrar com ellas;

i) Fixar o periodo durante o qual deve ser feita a pesca das especies novas introduzidas e acclimadas nas nossas aguas e as condições em que deve ser permitida;

j) Indicar os processos a empregar na repovoação dos cursos de agua, se por meios de caes, se por ovos fecundados ou embriões, quaes as regiões onde devem ser lançados e quaes as condições que se devem attender n'esta operação;

k) Determinar qual a fauna fixa das aguas, quaes as epochas em que as diversas especies emigram e quaes aquellas em que só apparecem accidentalmente;

l) Organizar uma lista completa dos nomes vulgares dos seres aquáticos nas diversas regiões do paiz e determinar por meio de classificações quaes as especies a que elles correspondem;

m) Averiguar quaes foram as especies que se extinguiram, quaes as que estão em via de desaparecimento e as causas determinantes d'estes factos;

n) Proceder ao estudo das epochas de emigração e volta das especies ás mesmas paragens;

o) Investigar o valor commercial e alimentar de cada especie debaixo do ponto de vista dos mercados nacionaes e estrangeiros a que possam concorrer;

p) Relativamente a cada especie, determinar se a pesca deve ser permitida na subida ou quando desce, e se a prohibição deve ser absoluta, limitada e em que regiões do curso dos rios;

q) Adquirir todos os dados de physica, bathimetria, botanica, zoologia e hydrographia, que possam interessar á aquicultura ou ás questões submettidas ao exame da commissão.

(Continúa.)

UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 24)

TINHAM vindo como todos os outros annos offerecer-lhe a presidencia do *tavolazzo*, e como de costume o marquez respondera que acceitava apesar de lhe ser offerecida por mais dignos de a obter.

Depois d'esta troca de cumprimentos, juntamos-nos ao cortejo, tendo cuidado de não formarmos grupo entre nós. O conde de *** collocou-se ao lado d'um tecellão; o barão de *** teve por companheiro um salchicheiro; e o acaso deu-me por visinho um taberneiro.

A musica tomou novamente a frente, recomeçou a marcha e o cortejo seguiu caminho da cidade, que devia atravessar para chegar ao sitio onde estava estabelecido o *tavolazzo*.

Toda a cidade estava em festa, apesar de não ser domingo; mulheres e raparigas vestiam os seus melhores trajos, os rapazes traziam flores ao peito, em todas as janellas fluctuavam bandeiras, o cortejo era aclamado na passagem.

Chegados aos nosso destino, cada um de nós recebeu um barrilinho sobre o qual inscreveu o seu nome e tomou ao acaso, d'um sacco, um numero destinado a marcar a sua ordem no tiro; o proprio presidente não foi exceptuado d'esta formalidade, que devemos convir nada tinha d'aristocratico.

O acaso deu-me o numero 3, o marquez de *** tirou o numero 9, o numero 1 coube a um conego magro e alto, a que chamavam Theologo, nunca soube porque, mas presumo que este nome corresponde a qualquer função ecclesiastica.

A minha imaginação não tinha exaggerado a distancia de 180 passos de que

o marquez me fallára na vespera; pareceu-me prodigiosa, em attenção sobretudo á pequenez do alvo, que além d'isso estava disposto por forma a enganar a vista; isto é, o endiabrado barrilinho mais grosso no centro do que nas extremidades mostrava uma grandeza que realmente não tinha. Quanto á pequena rodella de papel dourado, não se via mais do que as estrellas ás 10 horas da manhã, no mez de julho.

Uma fanfarra annunciou a abertura do tiro; quando terminou ouviu-se um rufo de tambor que era o ultimo signal.

O Theologo que se conservava havia alguns instantes com a arma levantada na terceira posição, baixou magestosamente a sua carabina, inclinou a cabeça sobre a fecharia e fechou o olho esquerdo.

Julguei que o tiro ia partir, e olhei para o alvo.

Impaciente por nada ouvir voltei me para o Theologo; tinha tornado a levantar a arma e conversava tranquillamente com o seu visinho.

— Então que aconteceu? perguntei ao marquez.

— Pouca cousa; uma mosca que lhe pousou sobre o cano da carabina, e lhe fazia um falso ponto de mira.

— Como? dá tanta importancia a isso? Não acabei, porque n'este momento o Theologo tornou a apontar: d'esta vez partiu o tiro.

Quando se dissipou o fumo, vi um homem de pé ao lado do barrilinho do Theologo.

O homem tirou o chapéu e saudou os atiradores.

Depois levantou uma pequena vara e apoiou a extremidade contra o centro do barrilinho.

Olhei attentamente, e mesmo ao centro do pequeno disco pintado de branco, vi um buraco negro feito pela bala, metade da rodella de papel dourado tinha desaparecido.

— Foi um acaso, disse eu em voz baixa ao marquez.

— Tem paciencia, respondeu-me, pondo o dedo sobre a bocca.

O segundo tiro partiu, e a bala mordeu sobre metade do buraco feito pela primeira. Outro tanto, pouco mais ou menos, succedeu com as outras quatro — todas seis não occupavam mais espaço do que seis furos de veruma propositadamente feitos ao lado uns dos outros.

Ao Theologo seguiu-se o tecellão, depois eu, depois o salchicheiro, depois o ministro de ***, em summa, o fogo não parou durante cinco horas.

O primeiro premio coube, sem contestação ao Theologo, o marquez teve o segundo, um gordo conego e eu tirámos o terceiro á sorte, e eu tive a fortuna de ganhar.

Não se podia concorrer a qualquer dos premios, que se compunham de peças de prata de grande valor, senão tendo mettido as seis balas no alvo, depois entre os que se achavam n'estas circumstancias, escolhiam-se os tres cujos tiros occupavam o menor espaço.

— Brincaste comigo, disse-me o marquez com bonhomia.

— Annuncio-te que foi um puro acaso, nunca na minha vida atirei ao alvo.

— Se voltares para o anno bater-nos-has a todos; repara no pobre Theologo, ainda não está em si do susto que lhe causaram os teus tres primeiros tiros; ha 50 annos que se habilita a ser o melhor atirador do paiz, e é a 19.^a vez a seguir que recebe o primeiro premio.

(Continúa.)

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

Fundada em 16 de novembro de 1893

SÉDE

225, 1.º — Rua da Magdalena — 225, 1.º

LISBOA

INSTRUÇÃO

Esgrima

Segundas, quartas e sextas

Classe de florete, das 8 1/2 ás 10 h. da noite.

» » sabre, » 10 1/4 ás 11 1/2 da noite.

Classe de esgrima de florete para os filhos dos socios de 10 a 15 annos nos mesmos dias dos adultos, das 8 horas ás 8 1/2 da noite.

Tiro

Terças e sabbados

Classe de theoria de tiro, das 8 1/2 ás 11 1/2 h. da noite.

Instrução militar

Quintas feiras

Classe de esgrima de bayoneta, das 9 ás 11 1/2 h. da noite.

Quota mensal minima 300 réis, sem joia

Diploma com o retrato 500 réis

A matricula nas classes de esgrima não importa augmento de quota para o socio

GABINETE DE LEITURA E BIBLIOTHECA

Editor responsavel — MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal — Rua Ivens, 35 a 41

AOS CAÇADORES



Grande Deposito de Espingardas

de 1 e 2 canos dos systemas

A PISTON e FOGO CENTRAL

CARABINAS

Colt e Winchester de 12 e 15 tiros; calibre 22, 32 e 44. CARABINAS Flobert, Merwin, Hulbert e d'outros systemas.

REVOLVERS

De diversos systemas e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith-Wesson, Colt, Hulbert e outros.

Grande sortimento de todos os accessorios concernentes aos caçadores. Cargas para todos os systemas de revolvers e carabinas. Legitimas cargas americanas para as carabinas COLT e WINCHESTER e para os revolvers COLT e SMITH WESSON, superiores ás de fabricação Inglesa.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

F. A. VENTURA

Travessa de S. Domingos, 48 a 56

ESTRELA

TYPOGRAPHIA

DO

COMMERCIO DE PORTUGAL

35 — RUA IVENS — 41

Encarrega-se de todos os trabalhos typographicos